

## História ambiental da América Latina: costurando tradição e inovação<sup>1</sup>

Lise Fernanda Sedrez

Em 1902, Euclides da Cunha publicou seu clássico *Os Sertões*, sobre a rebelião no arraial de Canudos, e sua épica – e sangrenta – repressão pelo governo federal. *Os Sertões* discute conceitos de identidade, raça e a construção da nação no início do século XX,<sup>2</sup> mas contém, para desespero de gerações de estudantes do ensino médio, um longo e detalhado capítulo sobre como a terra seca e a natureza implacável do nordeste brasileiro teriam moldado o caboclo e sua história. Décadas mais tarde, seu livro seria duramente criticado por seu “determinismo geográfico”, e pelas implicações raciais do conceito de “cabloco”. Ainda assim, *Os Sertões* continua sendo reverenciado como um marco para a historiografia latino-americana, e, num sentido amplo, para história ambiental.

Mesmo antes de Euclides da Cunha, natureza e história na América Latina já tinham uma longa trajetória na literatura latino-americana, embora natureza fosse geralmente apresentada sob uma luz mais generosa do que permeia *Os Sertões*. Ainda no início do século XIX, foram muitas as narrativas edênicas com que as novas nações latino-americanas procuraram distinguir-se das potências européias, narrativas que sublinhavam e exaltavam o potencial de riquezas ocultas na fauna e flora de seus territórios recém-independentes. Um século mais tarde, natureza, nação e raça ainda fascinavam intelectuais latino-americanos como Euclides da Cunha, que queriam definir a elusiva identidade latino-americana vinculando-a à terra e àquilo que o continente tinha de único e peculiar em sua natureza.<sup>3</sup> Mas foi somente na década de 1980 que o desenvolvimento da disciplina de história ambiental inspirou os pesquisadores da América Latina a descobrir novas e intrigantes abordagens para estas questões tradicionais. A história ambiental libertou os historiadores do espectro do determinismo geográfico, uma influência pervasiva entre historiadores latino-americanos no início do século XX. Ao contrário, a nova disciplina estimulava o entendimento da natureza na sua interação dialética, mutável, com as sociedades humanas. Natureza, afinal, não era nem o incontestável determinante

<sup>37</sup>Idem.

<sup>38</sup>Idem.

<sup>39</sup>Idem.

<sup>40</sup>Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Informações sobre Processos. Documento Notação 71-161; Série Protocolos. Documentos notação 6585-185, 6590-190, 6591-191, 6594-194; Série Receitas e Despesas. Documentos Notação 526-112, 527-113.

<sup>41</sup>AGCRJ, livro de escrituras públicas da Freguesia de Guaratiba número 16; e Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Aforamentos. Documento notação 6580-170.

<sup>42</sup>Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Receitas e Despesas. Documento Notação 532-118.

<sup>43</sup>Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Receitas e Despesas. Documento Notação 527-113.

<sup>44</sup>Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Receitas e Despesas. Documento Notação 527-113 e 532-118, Série Guias de Pagamento. Documento notação 422-008; Série Aforamentos. Documento notação 6580-170.

<sup>45</sup>A mulher casada foi mantida sob tutela da autoridade do marido até 1962, ano da promulgação do Estatuto da Mulher Casada. Cf. MELO, Hildete Pereira; MARQUES, Teresa Cristina Novaes. A partilha da riqueza na ordem patriarcal. *Revista de Economia Contemporânea*: vol. 5, n. 2, 2001.

<sup>46</sup>Arquivo Nacional. Fundo Processos SDJ Diversos. n 2318, cx 142, gal. C (fl. 180 v).

<sup>47</sup>Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Receitas e Despesas. Documento Notação 527-113.

<sup>48</sup>Arquivo Nacional. Fundo Fazenda Nacional de Santa Cruz. Série Protocolos. Documento notação 6595-195. No registro de aforamento dessa área o encarregado apenas se remeteu a outro documento, não encontrado.

<sup>49</sup>Sobre a queixa-crime contra Honório Pimentel ver AGCRJ, livro de escrituras públicas da Freguesia de Guaratiba número 16. Sobre as acusações contra Horácio José de Lemos, ver AGCRJ, Documento Notação 54-3-4: Carnes Verdes e Matadouros.

<sup>50</sup>MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In. *O capital: crítica da economia política*. 2a Edição. São Paulo: Nova Cultural, vol. Volume 1, Livro Primeiro, Tomo 2, capítulos XIII a XXV, 1985.

<sup>51</sup>VARELA, Laura B. *Das sesmarias à propriedade moderna: um estudo de história do direito brasileiro*. Rio de Janeiro: Renovar, 2005; CONGOST, Rosa. *Tierras, leyes, historia: estudios sobre “la gran obra de la propiedad”*. Barcelona: Crítica, 2007; MALATESTA, Maria. *Le aristocrazie terriere nell’Europa contemporanea*. Roma: Editorial Laterza, 1999.

do destino dos povos, nem uma fonte puramente passiva, estática, de recursos e matérias primas. Em vez disso, a história ambiental propunha compreender a natureza como uma rede complexa que incluía comunidades humanas e não-humanas, elementos bióticos e abióticos em contínua transformação.

Desde sua origem nos anos 80, a história ambiental da América Latina demonstrou uma vitalidade notável, talvez mesmo em virtude de sua trajetória peculiar na historiografia latino-americana: embora a natureza tenha sido um elemento crucial das narrativas históricas nacionais e regionais, não eram historiadores os que inicialmente abordaram estas questões hoje retomadas por historiadores ambientais. Quando finalmente os historiadores da América Latina começaram a conceber um nicho para a história ambiental, eles já partiam de um patamar construído por duas correntes diversas. Primeiramente, tiveram que considerar a vasta literatura sobre a natureza e história na América Latina construída por economistas, antropólogos, geógrafos e outros, ao longo de décadas. E em segundo lugar, buscaram boa parte do referencial teórico para a nova disciplina a partir do diálogo com historiadores ambientais norte-americanos, que estabeleceram as bases da história ambiental como tal no início dos anos 70.

A história ambiental latino-americana amadureceu significativamente nos últimos anos, canalizando a influência destes dois grupos em uma disciplina promissora e em constante evolução. Neste artigo, pretendo analisar brevemente o estado atual da história ambiental latino-americana, suas origens, perspectivas e linhas de pesquisa.

### Escrevendo história ambiental na América Latina

Com poucas exceções, historiadores latino-americanos demoraram a adotar a história ambiental. Em parte, isso aconteceu porque outras disciplinas ocupavam o "nicho acadêmico" de pesquisas sobre as relações históricas entre natureza e sociedade na América Latina. Desde a Segunda Guerra Mundial, geógrafos, históricos, antropólogos e demógrafos produziram copiosamente sobre o tema, obscurecendo fronteiras disciplinares. Por certo, a interdisciplinaridade na história ambiental não é característica exclusiva dos estudos latino-americanos. Em seu ensaio historiográfico recente, Don Garden também nota a ausência de historiadores nas origens da história ambiental na Austrália.<sup>4</sup> Mas nos estudos de América Latina, a influência dos geógrafos históricos foi particularmente marcante. Carl Sauer, por exemplo, ao revolucionar o campo da geografia histórica

com sua obra sobre a Nova Espanha, levou inúmeros jovens geógrafos a seguir seus passos e a estudar conceitos de tempo, espaço e sociedades usando em seus estudos o continente latino-americano.<sup>5</sup> De fato, a presença significativa da geografia histórica da América Latina nestas reflexões sobre natureza e sociedade ajuda historiadores a, por um lado, evitar definições demasiado restritivas da história ambiental e, por outro, a adotar com naturalidade práticas de colaboração interdisciplinar.

Quando as obras de Alfred Crosby, *Imperialismo ecológico*, e de Warren Dean, *Brazil and the struggle for rubber*, foram publicados na década de 1980, elas não eram exatamente inovadoras para os estudos latino-americanos, e sua tradição em geografia histórica; mas sem dúvida representavam algo novo para a *historiografia* latino-americana. Mais: estes autores ofereciam à comunidade de historiadores a certeza de que ela também tinha algo único para acrescentar ao debate ecológico e de que a história ambiental na América Latina não era simplesmente geografia histórica com outro nome.<sup>6</sup> Dean e Crosby, eram, a esta altura, autores maduros e bem estabelecidos, com reconhecidas contribuições para a historiografia. A comunidade acadêmica tanto celebrara *Columbian exchange*, de Crosby, em 1972, como aclamara *Rio Claro* de Dean como um estudo clássico sobre as plantações de café no Brasil.<sup>7</sup> Assim, quando *Imperialismo ecológico* e *Brazil and the struggle for rubber* foram lançados, o impacto entre latino-americanistas foi considerável, encorajando jovens pesquisadores a prosseguir na estrada aberta por Dean e Crosby. Se por um lado *Imperialismo ecológico* evidenciou a ação de plantas, animais e doenças não só na conquista da América, como também na reprodução de paisagens europeias no Novo Mundo, por outro lado o trabalho de Dean sobre o fracasso da indústria da borracha na Amazônia brasileira oferecia uma narrativa intrigante onde a natureza desempenhava um papel fundamental no desenvolvimento do capitalismo e de projetos nacionais na América Latina. Finalmente, *A ferro e fogo* de Warren Dean, uma publicação póstuma de enorme fôlego, tirou a disciplina da periferia dos estudos latino-americanos para o coração dos debates sobre a história da região.<sup>8</sup>

Crosby e Dean são corretamente identificados entre os fundadores da história ambiental nos EUA, mas seu trabalho também marcou um novo momento na literatura produzida não só sobre a América Latina, mas também na América Latina. Além de Dean e Crosby, historiadores como Donald Worster, Cronon William, Joan Martinez-Allier e Richard Grove conquistaram na América

Latina um público fiel, tanto pela tradução de suas obras para o português e o espanhol, como pelo fato de que jovens doutorandos latino-americanos completavam sua formação em EUA ou Europa, travando contato com estas e outras de suas obras, com menor circulação.<sup>9</sup> No entanto, para além da celebração de “autores fundadores” e curiosidades sobre as origens da disciplina, é importante entender quais as consequências que estas influências internacionais tiveram no desenvolvimento da história ambiental da América Latina. Será que faz diferença se a história ambiental latino-americana foi produzida na América Latina ou em outro lugar? Se as fontes são promissoras, o campo estimulante, as idéias criativas, e a análise rigorosa, não devemos apenas acolher esta produção de onde venha sem perguntar sobre a sua nacionalidade?

Para o historiador Guillermo Castro Herrera, pelo menos, se queremos que a área de história ambiental floresça na América Latina, o local de produção do conhecimento tem sua importância. De acordo com Castro Herrera, “na ausência de uma demanda cultural interna significativa para uma abordagem histórica dos problemas ambientais da região, a história ambiental foi desenvolvida fazendo uso das oportunidades criadas ‘de fora.’”<sup>10</sup> Ele argumenta que essa estrutura “estrangeira” da disciplina enfraquece sua capacidade de gerar uma sistematização teórica e um desenvolvimento metodológico. Além disso, a articulação externa apresenta o risco de ocasionar “um atraso ainda maior na construção de uma visão própria nossa; a importação indiscriminada de problemas e alternativas construídos a partir das visões de outros; uma permanente fragmentação do campo de estudo, no espaço bem como no tempo, e a perda de contato real e fecundo entre este campo e outros de importância inquestionável- em si e para o meio ambiente- nos quais a América Latina já alcançou resultados valiosos, tais como a história política, social e econômica.”<sup>11</sup>

Alguns destes riscos são mais reais que outros, mas Castro Herrera está correto ao sublinhar a necessidade de uma tradição autônoma da história ambiental na região, se queremos que a disciplina deixe de ser um acessório bem intencionado mas supérfluo nos livros didáticos – um *afterthought*, algo simpático mas pouco integrado na experiência histórica. Uma disciplina “importada” de fora teria poucas chances de ser realmente incorporada nos círculos intelectuais latino-americanos, permanecendo sempre em um segundo plano simbólico, no máximo um aceno superficial a questões ambientais na história. Sem a adoção efetiva por historiadores latino-americanos, a história ambiental se isola, como alertou Castro Herrera, e não consegue conectar-se aos

principais debates da historiografia latino-americana – como por exemplo a formação dos Estados Nacionais ou a conexão com sistemas globais. Portanto, para desenvolver a história ambiental na América Latina, é também necessário convencer a comunidade acadêmica da importância da nova disciplina para abordar questões contemporâneas na América Latina. Como Stefania Gallini argumenta, os intelectuais latino-americanos cultivam um forte senso de compromisso e responsabilidade social para com suas sociedades; militância e produção acadêmica muitas vezes andam de mãos dadas.<sup>12</sup> Assim, uma questão que permeia o desenvolvimento da disciplina na América Latina diz respeito à sua relevância social e política. Em outras palavras, em meio a tantos temas que abovem o interesse de intelectuais comprometidos com a América Latina, sejam o déficit democrático, a desigualdade econômica, a urbanização acelerada, violência, e outros, qual a importância do meio ambiente para os historiadores?

Novamente, respostas à esta pergunta são oferecidas não só por historiadores, mas por cientistas, economistas e outros intelectuais que incorporam criticamente perspectivas históricas em suas pesquisas sobre a questão ambiental contemporânea. Evidenciando o quanto as narrativas históricas fazem parte de trabalhos acadêmicos sobre as questões ambientais na América Latina, o economista mexicano Enrique Leff, coordenador da Red de Formación Ambiental das Nações Unidas desde 1986, convida os historiadores da América Latina a criar um quadro epistemológico que apóie essa análise interdisciplinar da história.<sup>13</sup> Essa perspectiva enfatiza não somente a contribuição de outras disciplinas para a história ambiental latino-americana, mas também o potencial apoio que historiadores ambientais podem oferecer às outras áreas ligadas à pesquisa ambiental na América Latina.

### Natureza e história na América Latina

Se teoricamente a área de história ambiental ainda está nos seus primeiros passos na historiografia latino-americana, os temas natureza e sociedade estão claramente entrelaçados na formação do *conceito* de América Latina, mesmo nas narrativas históricas mais tradicionais. De fato, o desenvolvimento tardio da história ambiental na região não significa de modo algum que a natureza e as representações da natureza não foram vividamente analisadas pela historiografia. Particularmente na segunda metade do século XX, quando historiadores latino-americanos buscavam ligar a investigação histórica aos debates

sobre justiça social, estabeleceu-se um certo consenso de que poucos conflitos sociais foram mais marcantes para a história latino-americana do que as disputas pelo acesso à terra, pela reforma agrária, e sobre a transformação dos usos da terra, de florestas para áreas agrícolas, pastagens ou cidades, todos estes temas caros à história ambiental.

Tanto na América portuguesa como na hispânica, concessões de terras e monopólios reais de recursos preciosos definiram a ocupação do território, criando uma poderosa elite de proprietários de terras. O papel do estado no período colonial correspondia à proteção e lucratividade destes monopólios e concessões, a fim de que beneficiassem o projeto colonial. Não obstante as variações das estratégias de colonização na América Latina, estas sempre incluíam transformações radicais da paisagem (seja através de mineração em larga escala ou do estabelecimento de extensas plantações de cana-de-açúcar, por exemplo) e contínuo controle da mão de obra que realizava estas transformações (seja pela escravidão africana ou pelo sistema de *encomiendas e mitas*).

No período nacional, particularmente no século XIX, a organização do espaço na América Latina respondia às novas necessidades da Revolução Industrial, aumentando a integração da natureza latino-americana ao sistema internacional, assim como estabelecendo a representação da América Latina como uma região com uma “vocação agrária”. O modelo agro-exportador de desenvolvimento econômico que prevalecia na região forçava as nações recém-independentes em sua maioria a se especializarem em um ou dois produtos primários de exportação. A conexão entre o comércio internacional e a construção do estado nacional na América Latina deixou a região vulnerável a ciclos de apogeu e crise, tanto pelas flutuações do mercado internacional, como também pela super-exploração e esgotamento da natureza, aqui vista como mercadoria. No início do século XX, por exemplo, a indústria baleeira em vários países da América Latina já estava em franca decadência; cidades mineiras desapareciam; produtores de café se transferiam para chamadas *terras virgens*, deixando para trás as plantações em *terras cansadas* e aumentando a pressão sobre as florestas; pestes e pragas agrícolas dizimavam as *plantations* de agricultura de exportação; uma vasta migração doméstica e internacional seguia o estabelecimento dos novos produtos de exportação, as novas massas itinerantes de trabalhadores rurais e urbanos alterando para sempre o mapa demográfico da América Latina; e ex-barões da borracha e milionários do guano se encontraram empobrecidos, saudosos dos bons (ainda que breves) *booms* econômicos.

Estas complexas relações entre natureza, terra, trabalho, construção de nação e comércio internacional, assim como sua influência na transformação histórica da sociedade latino-americana, obviamente não passaram despercebidas aos historiadores tradicionais. Ao contrário, durante as décadas de 1960 a 1980, a historiografia marxista na América Latina debatia a dependência da região em relação ao comércio internacional, e produzia estudos inovadores sobre economias de exportação e sobre o mundo que elas criaram.

No entanto, se por um lado a natureza esteve claramente presente nas narrativas tradicionais da historiografia latino-americana, por outro lado essas narrativas careciam de uma compreensão mais ampla dos processos ambientais na história, não apenas como reflexo da ação humana, mas com uma análise de suas características próprias e distintas. Assim, embora defendamos uma concepção menos restrita de história ambiental, que reconheça as contribuições de disciplinas diversas, também argumentamos que a história ambiental na América Latina pode e deve ir além dessas contribuições. Ela pode e deve desenvolver seu próprio quadro teórico, construído a partir tanto da tradição historiográfica latino-americana, a partir de disciplinas correlatas como a geografia histórica, e a partir das contribuições da história ambiental norte-americana, mas usando-as como fonte de inspiração, e não como limitadores.

### Estabelecendo parâmetros para a área de história ambiental

Recentemente, historiadores de vários países latino-americanos uniram forças para evitar os riscos mencionados acima por Castro Herrera - fragmentação e isolamento da história ambiental - e para melhor elaborar uma resposta ao dilema da relevância - por que as questões ambientais são importantes para a história na América Latina. A experiência partiu de iniciativas locais independentes, no Panamá, Cuba, Brasil, México, Colômbia e Chile ainda na década de 1990. Inicialmente estas iniciativas eram bastante desconectadas, embora um ponto em comum entre elas fosse algum tipo de diálogo com os historiadores ambientais norte-americanos. Neste ponto, a comunidade virtual, via websites e listas de discussão como os gerenciados pela Sociedade Americana de História Ambiental (ASEH), desempenhou um papel importante na promoção do debate entre os intelectuais na América Latina.

Estes primeiros contatos experimentais geraram um intercâmbio produtivo e constante, produzindo conferências, espaços de troca e artigos publicados. Em agosto de 2001, Germán Palácio organizou o que foi chamada a primeira

conferência sobre a história ambiental da América Latina, em Bogotá, na Colômbia, com a participação de pesquisadores do meio ambiente do Peru, Brasil, EUA e México, além da Colômbia.<sup>14</sup> Em julho de 2003, um simpósio em Santiago do Chile já tinha por objetivo a criação de uma associação acadêmica de história ambiental, e uma segunda reunião, aprofundando estes esforços, foi realizada em La Habana, Cuba, em outubro de 2004.<sup>15</sup> Finalmente, em abril de 2006, a Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental foi criada no Terceiro Simpósio de História Latino-Americana Ambiental em Carmona, Espanha, tendo como base a Cidade do Panamá. Mais de sessenta membros elegeram Guillermo Castro Herrera como presidente da nova organização. Os encontros seriam periódicos a partir de então, seguindo-se o simpósio em Belo Horizonte, Brasil, 2008, em La Paz, México, 2010, e em Villa de Leyva, Colômbia, 2012.

Esses momentos-chave na história da disciplina significavam mais do que oportunidades de troca de idéias entre historiadores. Eles viabilizavam experiências de reflexão sobre os limites e as potencialidades da disciplina, e encorajavam o desenvolvimento de necessárias considerações teóricas.<sup>16</sup> Os simpósios produziram então textos como o de Florez-Malagon sobre a relação da história ambiental com outras ciências sociais, a pesquisa de Stefania Gallini e Silvia Meléndez sobre as fontes e metodologias da história latino-americana ambiental; e o artigo de Germán Palácio sobre a influência dos trabalhos pioneiros dos historiadores ambientais norte-americanos na criação de uma agenda de pesquisa latino-americana sobre a ecologia e sociedade.<sup>17</sup> Interligados pelo diálogo crescente, estes textos, longe de serem iniciativas isoladas ou hesitantes, estabeleceram base sólida para uma promissora literatura crítica.

Ao mesmo tempo, na última década os encontros anuais da Sociedade Americana de História Ambiental (ASEH) nos Estados Unidos incluíram também um número crescente de painéis e apresentações de trabalhos com foco na América Latina, geralmente com a presença de acadêmicos latino-americanos. Portanto, o surgimento de um debate interno sobre a história ambiental na América Latina não impediu a continuação de um diálogo com pesquisadores norte-americanos e europeus, mas contribuiu para que a disciplina desenvolvesse novas questões, novas agendas de pesquisa e novas metodologias. Por exemplo, se, como mencionamos acima, uma das características marcantes da história ambiental latino-americana é sua origem em comum com disciplinas mais tradicionais (como geografia histórica), essa celebração da interdisciplinaridade

como experiência fundadora sem perder de vista as promessas de metodologias inovadoras é uma possível contribuição da historiografia latino-americana para o desenvolvimento da história ambiental em geral.

## Novos desenvolvimentos

Continuidade da produção acadêmica, diálogo sustentado doméstico e internacional, empenho em reflexões teóricas, todos estes elementos fazem do início do século XXI um momento estimulante para a história ambiental da América Latina. É também um momento em que historiadores são incentivados a aprofundar suas pesquisas, torná-las mais sofisticadas, construir sobre uma produção já clássica, sem perder de vista as questões primordiais da disciplina, isto é, por que questões ambientais são importantes para quem estuda a história da América Latina e como a história ambiental pode contribuir para sua compreensão. Assim, após este breve resumo das origens e influências da história ambiental latino-americana contemporânea, queremos oferecer um quadro geral de como o campo tem evoluído e, em seguida, discutir suas principais linhas de pesquisa.

A primeira mudança recente na historiografia é a crítica da prevalência de narrativas declensionistas, isto é, que sustentam, quase em uma teleologia, que as interações entre sociedades e natureza constróem historicamente situações cada vez piores. Das *Veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano aos trabalhos de Nicolò Gligó em 1980 e o já citado *A ferro e fogo*, de Warren Dean, estudos sobre ambiente e sociedade na América Latina enfatizavam a degradação da natureza e a destruição dos modos de vida tradicionais.<sup>18</sup> Em parte, esta abordagem surgia da busca por um lugar relevante para o meio ambiente na pesquisa histórica, competindo com tantos outros temas de investigação urgente e crítica: democracia, justiça e desigualdade, por exemplo. Por outro lado, apesar do alerta de William Cronon sobre os riscos de um excesso de narrativas declensionistas, por vezes as histórias são trágicas e declensionistas porque as fontes históricas simplesmente sustentam histórias trágicas e declensionistas.<sup>19</sup> A Mata Atlântica, o tema da última obra de Dean, foi reduzida para menos de 10 por cento da área que cobria no século XV, na melhor das estimativas para o final do século XX, e não há muitas formas de fugir destes dados. Há uma ampla gama de trabalhos que sublinham degradação da natureza, pobre administração de recursos naturais, perda de habitat, deslocamento de comunidade, e a presença de violência por questões ambientais, não tanto por

uma opção teórica por narrativas declensionistas, mas porque há várias crises ambientais simultâneas na América Latina contemporânea, que incluem todos esses elementos. E, tudo considerado, são estes os temas e as histórias que mobilizam e apaixonam historiadores, inseridos como estão nas problemáticas ambientais de seu tempo.<sup>20</sup>

Ainda assim, novas narrativas baseadas em diálogos interdisciplinares estão abrindo espaços para mais histórias de sucesso e narrativas menos declensionistas. Várias dessas histórias, de fato, se concentram em estudos de caso recentes e têm o objetivo explícito - louvável - de promover modelos replicáveis. No entanto, tanto quanto nas narrativas declensionistas, o conceito de crise permanece dominante nestas abordagens. Assim, enquanto narrativas declensionistas frequentemente resultam da percepção dos enormes desafios que as comunidades latino-americanas enfrentam hoje, como o acesso à água, ao esgoto, perda de biodiversidade, desmatamento, erosão, poluição e outros, paralelamente as chamadas *histórias de sucesso* derivam do desejo dos historiadores de contribuir para a resolução destas crises. Nesta perspectiva, tanto as histórias de sucesso e histórias declensionistas compartilham de motivações similares - e também de riscos semelhantes.

De fato, sem minimizar a urgência destas narrativas de crises, uma nova geração de historiadores ambientais questiona sua eficácia na compreensão da história ambiental da América Latina. Ecoando algumas das observações de Cronon, Stefania Gallini argumenta que a hegemonia de uma “teleologia negativa” oferece o risco de reduzir histórias complexas a narrativas unilineares, e ao mesmo tempo reafirma uma dicotomia da natureza versus cultura.<sup>21</sup> Além disso, essas narrativas usam a atual crise ambiental como uma chave para entender o passado, obliterando vozes e padrões de relação entre sociedade e natureza que não se “encaixam” neste modelo, vozes e padrões que foram possíveis no passado, mas que estão hoje soterrados pelo tempo. Em outras palavras, ao usar o presente como chave do passado, o presente se torna o único caminho possível para aquele passado que nos permitimos ver. Novas pesquisas, portanto, devem superar esse modelo, mantendo contudo o diálogo com o debate ambiental contemporâneo. Como escreve Gallini, a história ambiental exige que os intelectuais latino-americanos abandonem a unilinearidade de uma história ambiental dominada pelo discurso econômico, que ainda vê a natureza como unicamente mercadoria ou fonte de mercadoria.<sup>22</sup> Embora esta seja uma advertência bastante oportuna, ultrapassar as narrativas declensionistas requer um

delicado equilíbrio entre evitar esta “teleologia negativa” e ainda assim compreender os processos histórico que moldaram as atuais relações entre natureza e sociedade - o que não é obviamente um dilema exclusivo para a história ambiental na América Latina.

A segunda possível transformação da história ambiental latino-americana diz respeito às unidades de análise. Historiadores ambientais inicialmente construíram narrativas nacionais, o que se mostrou útil para estudos exploratórios e para estudos sobre instituições políticas.<sup>23</sup> Estas narrativas também serviram, assim como as narrativas declensionistas, para estabelecer a importância da nova disciplina de história ambiental. Elas complementavam e questionavam narrativas nacionais tradicionais, introduzindo a natureza e transformação da natureza no entendimento dos projetos nacionais. Na medida em que a historiografia se desenvolve, entretanto, há um desafio crescente para os historiadores que ultrapassem as fronteiras nacionais e incorporem novas unidades de análises que possam construir uma versão da história ambiental latino-americana mais complexa do que a soma de várias narrativas nacionais. Ao propor unidades de análise criativas, historiadores ambientais se posicionam de forma privilegiada para abordar algumas das grandes questões que permeiam a historiografia latino-americana, como, por exemplo, o próprio conceito de América Latina.<sup>24</sup> O que Belize e Guatemala e Uruguai têm em comum entre si? Ou mesmo o Brasil e o Chile? A concepção continental da América Latina não é menos problemática e intrigante do que os vários projectos nacionais. Pesquisas que enfocam biomas, em vez de limites nacionais, revelam que a diversidade ambiental dentro de um único país não é menos marcante que as diferenças entre dois países. Ao mesmo tempo, análises de bio-regiões transfronteiriças podem sugerir uma nova compreensão sobre as semelhanças ou diferenças na forma com que os países latino-americanos criaram seus espaços e ocuparam seus territórios. Por exemplo, a pesquisa na região amazônica, que inclui nove países, gerou trabalhos notáveis que se ocupam tanto da perspectiva regional como nacional, como David Cleary mostra em seu ensaio recente.<sup>25</sup> Unidades de análise baseadas em bio-regiões permitem tanto estudos ambiciosos em larga escala (a floresta Amazônica) como estudos locais extremamente detalhados (o Rio São Francisco ou a Baía de Guanabara). Nesta perspectiva, temos obras já clássicas, tão diversas como *The plague of sheep*, de Elinor Melville, sobre o Vale do Mezquital durante a Conquista, e o já citado *Brazil and the struggle for rubber* de Warren Dean, sobre a Floresta Amazônica no início do

século XX.<sup>26</sup> Aqui, novamente, a tradição interdisciplinar da história ambiental latino-americana oferece uma clara vantagem. Um dos melhores estudos transnacionais com foco em biomas foi escrito não por um historiador, mas por um antropólogo. Utilizando as fronteiras nacionais como forma de sublinhar a continuidade da bio-região, William Durham descreve em *Scarcity and survival in Central America* como diferentes comunidades nacionais compartilhando culturas semelhantes, competiam por recursos naturais e, trouxeram seus países à beira de uma guerra.<sup>27</sup>

Considerando as possibilidades da disciplina, Stuart McCook propõe uma forma esquemática para entender como a história ambiental está estruturado da América Latina em seu ensaio inédito sobre a história ambiental da América espanhola. Em vez de opor nações e biomas como unidades de análise, McCook argumenta que o campo é dividido em três grupos: caçadores de trufas, pára-quedaistas, e topógrafos. O primeiro grupo, caçadores de trufas, tem contribuído para a criação de “excelente trabalho empírico sobre história ambiental da América Latina.”<sup>28</sup> Eles se debruçam sobre estudos de caso, buscam nos arquivos as histórias mais ilustrativas e bem documentadas sobre a ineração de sociedades e natureza na América Latina. Pára-quedaistas, por outro lado, são aqueles que buscam uma perspectiva aérea da disciplina, privilegiando grandes narrativas e elaborando utilíssimas periodizações. O problema é que tanto caçadores de trufas como pára-quedaistas, muitas vezes, não chegam a estabelecer um diálogo entre si, e o vão teórico entre os dois dificulta o avanço de novas pesquisas. Para cobrir esta lacuna, é necessária uma maior participação do terceiro grupo, os topógrafos. O topógrafo combina a síntese produzida pelo pára-quedaista e “as sondagens detalhadas feitas pelos caçadores de trufas em um mapa rico e informativo da paisagem intelectual. O topógrafo pode ajudar a refinar os conceitos e categorias do pára-quedaista” através de rigoroso trabalho empírico.<sup>29</sup> Para McCook, a unidade de análise é menos importante do que a perspectiva de análise e do que o talento do historiador de associar grandes periodizações e estudos de caso bem documentados. Assim, o grupo de topógrafos inclui, para McCook, não só Warren Dean e seus estudos sobre Mata Atlântica como também Brailovsky e Foguelman em seu *Memória verde*, que se mantém nos limites nacionais da Argentina.<sup>30</sup>

Tão diversas como as perspectivas e as unidades de análise, as linhas de pesquisa para latino-americanistas na história ambiental têm se multiplicado nos últimos anos. Propomos aqui um quadro simplificado, dividindo a área

em quatro principais temas de pesquisa. Cada um destes temas inclui subtemas, que, como biomas, não podem ser facilmente contidos em fronteiras, mesmo fronteiras temáticas. Embora o objetivo deste texto seja principalmente novos projetos, é importante não perder de vista as obras clássicas que estabeleceram os parâmetros para cada um destes temas de pesquisa, assim como as disciplinas relacionadas que contribuíram para a produção acadêmica em história ambiental.

O primeiro desses temas de pesquisa é o que eu chamo de “encontros”. Na história ambiental clássica, o “encontro” refere-se à reunião do Antigo e do Novo Mundo. Alfred Crosby, em *Columbian Exchange*, lançou as bases deste tipo de estudo ao definir os participantes do encontro em termos de comunidades bióticas, com seus seres humanos, parasitas, e as portmanteau-biota dos dois lados do Atlântico, que tinham sido separados por milênios.<sup>31</sup> Em seu trabalho igualmente clássico *A plague of sheep*, Elinor Melville desenvolveu o tema do encontro, sublinhando a contínua surpresa tanto de Europeus e Ameríndios sobre este mundo que mudava à sua volta, e a inexistência de experiências anteriores que pudessem prepará-los para estas mudanças. Entre surpresa e inexperiência, Melville argumenta que a desigualdade de poder entre Europeus e Ameríndios define, porém, de que forma estes grupos se adaptam para conviver com as transformações radicais culturais e ecológicas causadas pelo encontro.<sup>32</sup> No entanto, esta rubrica “encontros” aqui proposta abriga estudos que vão além do choque inicial do século XVI. Estudos de “encontros” geralmente evidenciam os conflitos entre as comunidades humanas em competição pela terra e pela natureza, muitas vezes como resultado da expansão de uma sociedade sobre a outra. Essa expansão, ao lado da desumanização do espaço conquistado, ou melhor, da negação de presença humana anterior no espaço conquistado, caracteriza grande parte da narrativa de fronteira, fortemente inspirada no historiografia norte-americana. Na versão latino-americana, as histórias de fronteira normalmente destacam o desmatamento e a conversão do uso da terra. Esta ênfase em fronteiras e florestas deveu-se, provavelmente, a um senso de urgência sobre o estado das florestas latino-americanas na década de 1980 (quando a disciplina inicialmente se desenvolveu) e também ao fascínio que a Amazônia exerce sobre o imaginário mundial. Além disso, as fronteiras na Amazônia são ainda flexíveis, um contínuo território disputado, e muitos dos seus dilemas contemporâneos ecoam dilemas históricos de clássicas narrativas de fronteira.<sup>33</sup>

Narrativas de fronteiras também colocam em evidência as disputas pelo ambiente, entre as comunidades de colonos e grupos tradicionais ou indígenas. Conflitos entre índios e colonos foram objetos de muitos estudos, tanto na época colonial como na era moderna, e a antropologia histórica oferece uma valiosa contribuição para a compreensão dos mecanismos de negociação e enfrentamento nesses conflitos.<sup>34</sup> Não sem alguma ironia, alguns destes estudos antropológicos são inspirados pela história ambiental norte-americana como, por exemplo, o artigo de Coklin e Graham sobre índios amazônicos e eco-política. Coklin e Graham sustentam que grupos indígenas se apropriam de uma retórica ambiental para ratificar a legitimidade de sua reivindicação de terras ancestrais, sempre que oportuno, de forma não muito diferente de como índios norte-americanos negociaram com potências europeias adversárias para proteger os seus interesses no século XVII, conforme descrito por Richard White.<sup>35</sup> Em ambos os casos, os grupos indígenas traduziram suas agendas em uma linguagem de natureza e território que poderia lhes garantir apoio – ainda que a tradução fosse deliberadamente imperfeita. Ao sublinhar tópicos que relacionam poder, alteridade, natureza e cultura, sob a linha de pesquisa “encontros” estão incluídos também estudos sobre conflitos entre as sociedades dominantes e outras tradicionais, mas não necessariamente indígenas, como por exemplo quilombolas, comunidades ribeirinhas e extrativistas. Comunidades tradicionais não-indígenas representam uma área bastante inexplorada na história ambiental, embora cientistas sociais e antropólogos tenham desenvolvido uma literatura sólida a respeito.<sup>36</sup> Claudia Leal, em seu estudo sobre as comunidades negras nas florestas colombianas, aborda algumas destas questões e oferece perspectivas interessantes sobre questões de raça, classe social e meio ambiente na América Latina, outro tema que apenas começa a ser explorado inexplorado.<sup>37</sup>

A segunda grande linha de pesquisa é a história ambiental intelectual. Historiadores, mesmo em narrativas tradicionais, frisam que o conceito de natureza mudou ao longo do história, desde os primeiros padres jesuítas e dominicanos a chegar ao continente, passando pelos diários dos naturalistas do século XIX até o movimento ambientalista. Cientistas, humanistas ou militantes, todos contribuíram para o desenvolvimento de diferentes conceitos de natureza nos últimos cinco séculos. Inspirada em parte pela obra de Antonio Gerbi da década de 1930 sobre o impacto da natureza do Novo Mundo nos círculos intelectuais da Europa, esta história intelectual ambiental da América Latina é também uma história

de encontros.<sup>38</sup> De fato, a construção de idéias na América Latina sempre fez parte de um diálogo com a Europa ou os Estados Unidos em uma busca contínua para encontrar sua própria lugar e identidade entre as sociedades modernas. E, no entanto, idéias da natureza não são desenvolvidas em termos puramente abstratos, somente em um diálogo virtual, mas são concebidas em meio às transformações na sociedade e na paisagem. O excelente estudo de José Pádua sobre o pensamento conservacionista no Brasil no século XIX ilustra essa conexão entre o diálogo com as idéias europeias, de “fora”, e as mudanças no ambiente brasileiro, “aqui dentro”.<sup>39</sup> Neste sentido, Pádua examina como conceitos fisiocráticos de gestão eficiente dos recursos naturais se modificavam em contato com uma realidade da escravidão e uma cultura de queimadas. Também historiadores da ciência contribuem para nesta linha de pesquisa, em investigações sobre a exploração de naturalistas como von Martius, Humboldt e Darwin na América Latina e seu impacto na ciência moderna.<sup>40</sup> A interface entre natureza e a ciência, aliás, tem suscitado excelentes debates que vão além de uma agenda de pesquisa latino-americana. Por exemplo, em *States of nature*, Stuart McCook propõe uma visão inovadora do Estado, na qual projetos nacionais estão vinculados a uma ciência local, financiada pelo estado e por uma visão comodificada da natureza, em contraste com uma natureza viva e concreta que não é tão domesticada como cientistas e estadistas desejariam.<sup>41</sup> Também nesta perspectiva encontramos o livro *A Biologia Militante*, de Regina Horta Duarte, sobre as práticas políticas e científicas do Museu Nacional no mapeamento da natureza brasileira durante as décadas de 1930 a 1940.<sup>42</sup>

Nesta mesma linha de história das idéias ambientais, a história do movimento ambientalista e conservacionismo na América Latina tem sido um dos nichos mais produtivos para historiadores ambientais, também com uma rica colaboração com cientistas sociais. Produtivo, sem dúvida, mas por vezes decepcionante e irregular. Às vezes, uma visão simplista do movimento ambientalista prevalece, com narrativas tão unilineares como qualquer narrativa declensionista. O esquema mais popular destas obras recria uma narrativa quase bíblica: no início, havia um Éden, seguido da queda de um mítico equilíbrio natural (queda que pode ocorrer através da conquista europeia ou da industrialização, dependendo de quão longe o autor quer ir no passado), um presente desastroso e, finalmente, a esperança da redenção, graças ao movimento ambientalista. Alguns bons textos, no entanto, têm rompido esse padrão, incorporando uma narrativa mais multidimensional. Para isto, sublinham os

conflitos que o ambientalismo gera não só junto aos os governos, mas também com outros movimentos sociais contemporâneos em contextos nacionais e internacionais.<sup>43</sup> Uma história mais abrangente, continental do ambientalismo, comparando as diferentes perspectivas nacionais, ainda espera por um autor.

A terceira linha de pesquisa é a história ambiental da economia. A natureza é frequentemente associada a produtos e a gestão dos recursos naturais, como por exemplo energia hidrelétrica, madeira e pesca, em contraste com a idéia de rios, florestas e fauna aquática. Este tema encontra grande ressonância junto à historiografia latino-americana tradicional. Caio Prado Júnior, por exemplo, em seu texto clássico *Formação do Brasil contemporâneo*, recria uma periodização para a história brasileira baseada em ciclos de exportação de recursos naturais (pau-brasil, ouro, cana-de-açúcar e café) e seu impacto sobre a organização da sociedade brasileira.<sup>44</sup> Ao sublinhar a complexidade do papel da natureza e questionar esta perspectiva meramente comodificadora da mesma, a história ambiental faz uma contribuição valiosa para a história econômica latino-americana. Por exemplo, enquanto historiadores econômicos tendem a sublinhar a importância das instituições agrárias e de direitos de propriedade para avaliar a história da produção agrícola e florestal na América Latina, historiadores ambientais assinalam que, embora instituições agrárias possam ser similares, se estabelecidas em diferentes biomas, diferentes contextos ambientais, estem resultarão em diferentes paisagens e lógicas de produção. Assim, é importante considerar que as florestas no Paraná ou no Chile, bastante homogêneas e com solo fértil, têm uma capacidade de sustentação diferente (e, conseqüentemente, geram uma sociedade agrária diferente) do que os solos mais pobres da Amazônia, com uma floresta muito mais heterogênea.<sup>45</sup> Em outras palavras, as análises econômicas puramente comodificantes tendem a obliterar estas dinâmicas ecológicas, na falta de uma perspectiva da história ambiental.<sup>46</sup>

Ao mesmo tempo, a história econômica tem muito a oferecer à história ambiental, como por exemplo no debate sobre os direitos de propriedade, como Shawn Miller argumenta.<sup>47</sup> Na América Latina, como lembra Miller, o direito privado à terra convive com monopólios reais e outras importantes restrições, como por exemplo, o direito às riquezas minerais. Na era colonial, continua Miller, madeira valiosa era um monopólio real, o que incentivou o desmatamento já que havia pouco a ganhar com uma boa administração da produção e corte da madeira. O argumento de Miller sobre os direitos de propriedade conflitantes entre si poderia se aplicar a outros monopólios reais, como as baleias, sal e

minerais, mas, exceto para a mineração e guano, ainda existem poucos estudos sobre esses monopólios e seu impacto sobre o meio ambiente.<sup>48</sup> Infelizmente, a mineração no século XX recebeu até agora uma atenção ainda menor do que a mineração no período colonial, salvo talvez a mineração no Chile. Sabemos também muito pouco sobre os resíduos de mercúrio em áreas de mineração, o impacto ambiental da tecnologia de mineração, ou, por exemplo, sobre os conflitos de uso da água em regiões mineradoras.

De um modo geral, historiadores econômicos têm contribuído significativamente para a disciplina, como no recente volume editado por Zephyr Frank, Carlos Marichal e Steve Topik – mas o foco permanece nos termos de negociação e comércio, e não tanto nos processos ambientais.<sup>49</sup> Em contraste, o trabalho do historiador ambiental John Soluri sobre a economia da banana na América Central, consegue simultaneamente dialogar com a teoria econômica clássica e analisar as práticas sociais e culturais que resultaram tanto do sistema capitalista internacional como das características ecológicas da produção de banana.<sup>50</sup>

A quarta e última linha de pesquisa identificada neste esquema poderia ser chamada de “espaço e paisagem (*landscape*).” Aqui a ênfase está na transformação da paisagem e dos espaços físicos e ambientais criados.<sup>51</sup> Apenas recentemente os historiadores ambientais começaram a estudar a urbanização e industrialização na América Latina – e antes tarde do que nunca.<sup>52</sup> História ambiental urbana é um tema extremamente negligenciado na região, não obstante o fato de que oitenta por cento da população na América Latina vive em áreas urbanas ou o fato de que a região possui quatro mega-cidades (São Paulo, Rio de Janeiro, Cidade do México, e Buenos Aires). Neste sentido, geógrafos históricos mostram uma trajetória mais encorajadora.<sup>53</sup>

Novos estudos em paisagens e espaços exploram as ligações entre cidades, periferias e comunidades rurais, e são em parte influenciados pela obra de William Cronon, *Nature's Metropolis*, sobre Chicago.<sup>54</sup> Este quarto tópico é ainda um território inexplorado e promissor, sem uma agenda de pesquisa bem estabelecida, e apresenta enorme potencial para futuros estudos. A exceção é Rosalva Loreto López, no México, e sua série exatamente sobre história ambiental urbana.<sup>55</sup> Há, por exemplo, pouca pesquisa histórica sobre projetos de larga escala executados pelos estados nacionais, tais como as gigantes barragens e estradas, ou sobre o seu impacto sobre o meio ambiente e as comunidades humanas ao longo do tempo. O conceito de poluição aparece

na história ambiental latino-americana como um motivador importante para a organização dos movimentos ambientalistas urbanos, mas poucos estudos analisam as estratégias pelas quais as comunidades negociavam sua subsistência em ecossistemas poluídos ou como a poluição representava não só uma natureza degradada, mas também uma nova paisagem.

A história ambiental da América Latina construiu uma trajetória significativa desde suas primeiras tentativas para se estabelecer como um campo legítimo de investigação na historiografia latino-americana. Alguns dos obstáculos nesta trajetória são comuns a outras áreas de estudos latino-americanos. Por exemplo, a existência de um mercado editorial restrito e avesso ao risco, se comparado com suas contrapartes na Europa e nos Estados Unidos, dificulta a expansão de novas disciplinas e a troca de ideias dentro da região. Ao mesmo tempo, a área não pode crescer de forma saudável se for excessivamente dependente de trabalhos “estrangeiros”, produzidos fora da região, sem conseguir penetrar de fato nos principais círculos historiográficos latino-americanos. Por isto mesmo, um núcleo entusiasta, embora ainda numericamente reduzido, de historiadores ambientais latino-americanos têm investido na área, explorando formas criativas de desenvolver e promover a nova literatura de história ambiental na região. Neste texto, procuramos discutir alguns dos principais debates da área, suas perspectivas atuais e maiores linhas de pesquisa, com base principalmente nos esforços deste núcleo.

Este esquema explicativo é meramente indicativo, e não pretende exaurir a questão. Ele indica, no entanto, lacunas intrigantes nesta nova literatura, que ainda precisam ser resolvidas. Por exemplo, embora haja vários estudos sobre o impacto da produção capitalista sobre o meio ambiente da América Latina, poucos analisam a história do consumo na região. Pesquisas sobre gênero e raça, temas bastante desenvolvidos em outras áreas de estudos latino-americanos, ainda escapam ao radar da história ambiental. Outra via pouco explorada na produção de história ambiental latino-americana continua sendo a colaboração intercontinental. Se por um lado historiadores ambientais buscam ao mesmo tempo desenvolver uma agenda de investigação autônoma para a América Latina e preservar o diálogo com a comunidade de historiadores ambientais norte-americana EUA (e em menor escala a européia), há pouco diálogo com comunidades de historiadores na África ou na Ásia. Embora isso seja válido também para outras disciplinas da historiografia latino-americana,

o tipo de questionamento que caracteriza a história ambiental poderia proporcionar, numa versão intelectual da *Columbian exchange*, uma nova e produtiva interação entre estas três jovens comunidades historiográficas.

Em 2003, Paul Sutter publicou um artigo em que discutia o que historiadores ambientais norte-americanos poderiam aprender com seus colegas de outras partes do mundo.<sup>56</sup> Extrapolando o argumento de Sutter, poderíamos perguntar não só o que a historiografia ambiental da América Latina poderia aprender com os historiadores ambientais dos EUA - já que este é um diálogo permanente -, mas também como a história ambiental da América Latina poderia contribuir para o desenvolvimento da disciplina história ambiental no mundo. Neste texto, argumentamos que os historiadores latino-americanos não se limitaram simplesmente a refletir e adaptar questões propostas por seus colegas norte-americanos, mas que, ao contrário, desenvolveram uma disciplina autônoma a partir de múltiplas influências. Como resultado dessas influências, a história ambiental da América Latina se estabeleceu com uma multidisciplinaridade própria, promovendo colaboração de várias áreas, e com um conceito mais flexível do que seria história ambiental.

Outra consequência destas múltiplas influências é a persistência de questões tradicionais da historiografia latino-americana na disciplina, ainda que com novas abordagens, como por exemplo questões sobre a preocupação com a luta pela justiça social, conflitos sobre poder e, desigualdade, e também a inserção da região em um sistema mundial. De uma forma ou de outra, essas características têm delineado os principais temas da história ambiental da América Latina - e podem representar uma contribuição valiosa para um maior entendimento da história ambiental como disciplina em geral, construindo conexões e pontes entre as várias comunidades acadêmicas que se ocupam das relações históricas entre natureza e sociedade.

Afinal, se historiadores ambientais podem ser, como afirma McCook, pára-quequedistas, caçadores de trufas, e topógrafos, por que não também construtores de pontes?

## Notas

<sup>1</sup>Parte do argumento deste texto está discutido em SEDREZ, Lise. Latin American environmental history: A shifting old/new field. In BURKE III, Edmund; POMERANZ, Kenneth (Orgs.). *The environment and world history*. Berkeley, CA: University of California Press, 2009. p. 272-290.

<sup>2</sup>CUNHA, Euclides da. *Os sertões: Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, P. de Azevedo & Cia, 1911.

<sup>3</sup>Para uma discussão sobre os precursores da história ambiental na América Latina, ver SEDREZ, Lise. Historia ambiental de América Latina: orígenes, principales interrogantes y lagunas. PALACIO, Germán; ULLOA, Astrid (Orgs.). *Repensando la naturaleza: Encuentros y desencuentros disciplinarios en torno a lo ambiental*. Bogotá DC, Colombia: Universidad Nacional de Colombia-Sede Leticia, Instituto Amazónico de Investigaciones - Imani; Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Colciencias, 2002; e CASTRO HERRERA, Guillermo. The environmental crisis and the tasks of history in Latin America. *Environment and History*, v. 3, n. 1, p. 1-18, fev. 1997.

<sup>4</sup>GARDEN, Don. Where are the historians? Australian environmental history. In STOLL, Mark. *Historiography series in global environmental history*. ASEH, 11 out. 2000. Disponível em: <http://www.h-net.org/~environ/historiography/australia.htm>. Acesso em: 18 jun. 2003.

<sup>5</sup>SAUER, Carl Ortwin. *The early Spanish Main*. Berkeley, CA: University of California Press, 1966; e SAUER, Carl Ortwin; KENZER, Martin S. Kenzer (Org.). *Carl O. Sauer: A tribute*. Corvallis, OR: Oregon State University Press, 1987.

<sup>6</sup>CROSBY JR., Alfred W. *Ecological imperialism: The biological expansion of Europe, 900-1900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986; e DEAN, Warren. *Brazil and the struggle for rubber: A study in environmental history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

<sup>7</sup>CROSBY JR., Alfred W. *The Columbian exchange: Biological and cultural consequences of 1492*. Westport, CT: Greenwood Press, 1973; and DEAN, Warren. *Rio Claro: A Brazilian plantation system, 1820-1920*. Stanford: Stanford University Press, 1976.

<sup>8</sup>DEAN, Warren. *With broadax and firebrand: The destruction of the Brazilian Atlantic forest*. Berkeley and Los Angeles, CA; London: University of California Press, 1997.

<sup>9</sup>Destes autores, ver em especial WORSTER, Donald (Org.). *The ends of the earth: Perspectives on modern environmental history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988; CRONON, William. *Changes in the Land: Indians, colonists, and the ecology of New England*. 1. ed. New York: Hill and Wang, 1983; GROVE, Richard. *Green imperialism: Colonial expansion, tropical island Edens, and the origins of environmentalism, 1600-1860*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1995; e MARTÍNEZ-ALLIER, Joan; GONZÁLEZ DE MOLINA NAVARRO, Manuel. *Historia y ecología*. Madrid, Spain: Marcial Pons, 1993.

<sup>10</sup>CASTRO HERRERA, Guillermo. Environmental History (Made) in Latin America In STOLL, Mark. *Historiography series in global environmental history*. ASEH, 19 abr. 2001, p. 2. Disponível em: <http://www.h-net.org/~environ/historiography/latinam.htm>. Acesso em: 18 jun. 2012.

<sup>11</sup>Ibid., p. 4.

<sup>12</sup>GALLINI, Stefania. Invitación a la historia ambiental. *Tareas*, Panamá, n. 120, pp. 5-28, maio/ago 2005. (Também disponível em: *Cuadernos Digitales: publicación electronica en historia, archivística y estudios sociales*, v. 6, n. 18, 2002, <http://historia.fcs.ucr.ac.cr/cuadernos/c18-his.html>, acesso em 12 maio 2012).

<sup>13</sup>LEFF, Enrique. Vetas y vertientes de la historia ambiental latinoamericana: una nota metodológica y epistemológica. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 33, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752005000100002-&lng=en&nrmiso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000100002-&lng=en&nrmiso)>. Acesso em: 12 set. 2012. O convite de Leff não se limita apenas aos historiadores. Ele afirma que muitas disciplinas tradicionais precisam incorporar preocupações ambientais, da física à psicologia, da geografia à engenharia, para que possam atender aos desafios do mundo moderno. Ver um dos seus primeiros trabalhos neste tema, LEFF, Enrique; MONTES, José María. *Los problemas del conocimiento y la perspectiva ambiental del desarrollo*. 1. ed. Mexico, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1986.

<sup>14</sup>Os anais da conferência foram publicados em PALACIO, Germán; ULLOA, Astrid (Orgs.). *Repensando la naturaleza: Encuentros y desencuentros disciplinarios en torno a lo ambiental*. Bogotá DC, Colombia: Universidad Nacional de Colombia-Sede Leticia, Instituto Amazónico de Investigaciones - Imani; Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Colciencias, 2002.

<sup>15</sup>Um simpósio anterior também aconteceu em Quito, Ecuador, em 1997, mas teve repercussão e continuidade limitadas. Ver FOLCHI DONOSO, Mauricio; Funes Monzote, REINALDO; RAMÍREZ MORALES, Fernando (Orgs.). *Simposio de historia ambiental americana*. Historia Ecológica de Chile. Disponível em <http://www.historiaecologica.cl/simposio.htm>. Acesso em: 14 jul. 2012; e *II Simposio de Historia Ambiental Americana: Hacia una historia ambiental de América Latina y el Caribe*. La Habana, 25-27 de outubro de 2004 (chamada para publicação em *Ecología Política*, n. 26, p. 159-161, jul. 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20743328>. Acesso em 10 jun. 2012).

<sup>16</sup>Ver, por exemplo, GALAFASSI, Guido. *Ambiente, sociedad y naturaleza: Entre la teoría social y la historia*. Buenos Aires, Argentina: Universidad Nacional de Quilmes, 2002; e ZUPPA, Graciela; VELAZQUEZ TORRES, David; ARRUDA, Gilmar (Orgs.). *Naturaleza na América Latina: Entre apropiaciones e representaciones*. Londrina-PR, Brasil: Eduel, 2001.

<sup>17</sup>FLOREZ MALAGON, Alberto Guillermo. *Ambiente y desarrollo. El campo de la historia ambiental: Perspectivas para su desarrollo en Colombia*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana/IDEADE, 2000; GALLINI, Invitación a la historia ambiental, op. cit.; e MELÉNDEZ, Silvia, La historia ambiental: Aportes interdisciplinarios y balance crítico desde América Latina. *Cuadernos Digitales: publicación electronica en historia, archivística y estudios sociales*, v 7, n. 19, 2002. Disponível em: <http://historia.fcs.ucr.ac.cr/cuadernos/c19-his.rtf>; PALACIO MÁRQUEZ, Germán (Org.). *Naturaleza en disputa: Ensayos de historia ambiental de Colombia 1850-1995*. Bogotá DC, Colombia: Universidad Nacional de Colombia/Unibilbos, 2001.

<sup>18</sup>GALEANO, Eduardo H. *As veias abertas da América Latina*. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008; GLIGO, Nicolo. Notas sobre la historia ecológica de América Latina. In GLIGO, Nicolo;

SUNKEL, Osvaldo (Orgs.). *Estilos de desarrollo y medio ambiente en América Latina*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1980. p. 55-91.

<sup>19</sup>CRONON, William. Telling stories about ecology. In MERCHANT, Carolyn (Org.). *Major problems in American environmental history: Documents and essays*. Lexington, MA: D.C. Heath, 1993. p. 325.

<sup>20</sup>Para um sumário das várias crises ambientais na América Latina, ver ROBERTS, J. Timmons; THANOS, Nikki Demetria. *Trouble in paradise: Globalization and environmental crises in Latin America*. New York: Routledge, 2003.

<sup>21</sup>GALLINI, Invitación a La Historia Ambiental, op. cit. O termo “teleologia negativa” foi cunhado por Piero Bevilacqua, em BEVILACQUA Piero, *Tra natura e storia: Ambiente, economie, risorse in Italia*. Roma: Donzelli, 1996 (apud GALLINI, ibid.).

<sup>22</sup>GALLINI, Invitación a La Historia Ambiental, op. cit.

<sup>23</sup>SIMON, Joel. *Endangered Mexico: An environment on the edge*. San Francisco, CA: Sierra Club Books, 1997; SIMONIAN, Lane. *Defending the land of the jaguar: A history of conservation in Mexico*. Austin: University of Texas Press, 1995; BRAILOVSKY, Antonio Elio; FOGUELMAN, Dina. *Memória verde: Historia ecológica de Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 1994; RAMÍREZ MORALES, Fernando. Apuntes para una historia ecológica de Chile. *Cuadernos de Historia*, Santiago de Chile, v. 11, p. 149-198, dec. 1991; EVANS, Sterling. *The green republic: A conservation history of Costa Rica*. Austin: University of Texas Press, 1999.

<sup>24</sup>Ver FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: Da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi. Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 30-42, jul./dez. 2011. Disponível em <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 10 de agosto de 2012.

<sup>25</sup>CLEARY, David. Towards an environmental history of the Amazon: From prehistory to the nineteenth century. *Latin American Research Review*, Pittsburgh, v. 36, n. 2, p. 65-96, 2001.

<sup>26</sup>MELVILLE, Elinor Gordon Ker. *A plague of sheep: Environmental consequences of the conquest of Mexico*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994; e DEAN, *Brazil and the Struggle for Rubber*, op. cit.

<sup>27</sup>DURHAM, William. *Scarcity and survival in Central America: Ecological origins of the Soccer War*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1979.

<sup>28</sup>MCCOOK, Stuart George. On parachutists, truffle-hunters, and topographers: Writing the environmental history of tropical Spanish America. In *2002 Meeting of the American Society for Environmental History*. Denver, 2002, 2. Manuscrito gentilmente cedido pelo autor. McCook indica o trabalho de Bernardo Garcia-Martinez e Alba González Jácome, uma coletânea de ensaios, como um dos melhores exemplos de “caçadores de trufas” na história ambiental latino-americana. Ver GARCIA-MARTINEZ Bernardo; GONZÁLEZ JÁCOME, Alba (Orgs.). *Estudios sobre historia y ambiente en la América Latina*. Mexico, D.F.: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1999. Para-quadistas seriam, por outro lado, Guillermo Castro Herrera, em trabalho como CASTRO HERRERA, Guillermo. *Los trabajos de ajuste y combate: Naturaleza y sociedad en la historia de America Latina*. Havana, Cuba: Casa de las Americas, 1994; ou Pedro

Cunill, em CUNILL, Pedro. *Las transformaciones del espacio geohistórico latinoamericano, 1930-1990*. México: Colegio de México, Fondo de Cultura Económica, 1995.

<sup>29</sup>MCCOOK, On parachutists, truffle-hunters, and topographers, p. 4, op. cit.

<sup>30</sup>DEAN, *With broadax and firebrand*, op. cit., e BRAILOVSKY & FOGUELMAN, *Memória verde*, op. cit.

<sup>31</sup>CROSBY JR., *The Columbian exchange*, op. cit. ; e CROSBY JR., *Ecological imperialism*, op. cit.

<sup>32</sup>MELVILLE, *A plague of sheep*, op. cit.

<sup>33</sup>Para alguns trabalhos iniciais sobre desmatamento e fronteiras, ver, além de DEAN, *With broadax and firebrand*, op. cit., também BRAY, Warwick. A donde han ido los bosques? El hombre y el medio ambiente en la Colombia prehispanica. *Boletín del Museo del Oro*, Bogotá, v. 30, p. 43-65, 1991; COZZO, Domingo. *Las pérdidas del primitivo paisaje de bosques, montes y arubstiformes de la Argentina con especial referencia a sus territorios aridos y húmedos*. Cordoba, Argentina: Academia Nacional, 1992; PLACE, Susan E. *Tropical rainforests: Latin American nature and society in transition*. Wilmington, DE: Scholarly Resources, 1993; GUY, Donna J.; SHERIDAN, Thomas E. *Contested ground: Comparative frontiers on the northern and southern edges of the Spanish empire*. Tucson, AZ: University of Arizona Press, 1998.

<sup>34</sup>Para perspectivas históricas sobre reivindicações indígenas sobre natureza, ver CALERO, Luis Fernando, *Chiefdoms under siege: Spain's rule and native adaptation in the southern Colombian Andes, 1535-1700*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997; FARRIS, Nancy M. *Maya society under colonial rule: The Collective enterprise of survival*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984; SANTIAGO, Myrna. *The ecology of oil: Environment, labor, and the Mexican Revolution, 1900-1938*. New York: Cambridge University Press, 2006; e BALÉE, William. *Indigenous History and Amazonian Biodiversity*. In STEEN, Harold K.; TUCKER, Richard P. (Orgs.). *Changing tropical forests: Historical perspectives on today's challenges in Central & South America*. Durham, NC: Forest History Society, 1992. p. 185-97.

<sup>35</sup>O artigo de Conklin e Graham também contém referência a outro tema importante na história ambiental latino-americana, o “ecologicamente bom selvagem”. CONKLIN, Barbara; GRAHAM, Laura. The shifting middle ground: Amazon indians and eco-politics. *American Anthropologist*, no. 97, n. 4, p. 695-710, dec. 1995; e WHITE, Richard, *The middle ground: Indians, empires, and republics in the Great Lakes region, 1650-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

<sup>36</sup>KECK, Margaret E. Parks, people and power: The shifting terrain of environmentalism. *NAC-LA Report on the Americas*, n. 285, p. 36-42, mar./abr. 1995

<sup>37</sup>LEAL, Claudia. *Unos bosques sembrados de aserríos: Historia de la extracción maderera en el Pacífico Colombiano*. Medellín, Colombia: Universidad de Antioquia, 2003.

<sup>38</sup>GERBI, Antonello. *The dispute of the New World*. Pittsburg: University of Pittsburgh Press, 1973; e PAGDEN, Anthony. *European encounters with the New World from Renaissance to Romanticism*. New Haven: Yale University Press, 1993.

<sup>39</sup>PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

<sup>40</sup>EWAN, Joseph. Through the jungle of Amazon: travel narratives of naturalists. *Archives of Natural History*, v. 19, n. 2, p. 185-207, jun. 1992; DUARTE, Regina Horta (Org.). Dossiê Viagens e Viajantes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 264-563, jan./jun. 2002; CASA de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Dossiê Ciência e Viagens. *História, Ciência e Saúde – Manquinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, Suplemento, jan./fev. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-597020010005&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-597020010005&lng=en&nrm=isso). Acesso em: 17 de março de 2012.

<sup>41</sup>MCCOOK, Stuart George. *States of nature: Science, agriculture, and environment in the Spanish Caribbean, 1760-1940*. Austin: University of Texas Press, 2002.

<sup>42</sup>DUARTE, Regina Horta. *A biologia militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

<sup>43</sup>KECK, Margareth. Social equity and environmental politics in Brazil: Lessons from the rubber tappers of Acre. *Comparative Politics*, New York, v. 27, n. 4., p. 409-424, jul. 1995; DRUMMOND, José Augusto. A visão conservacionista (1920 a 1970). In SVIRSKY, Enrique; CAPOBIANCO, João Paulo R. (Orgs.). *O ambientalismo no Brasil: Passado, presente e future*. São Paulo: Instituto Socioambiental/Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1997. p. 19-28; VIOLA, Eduardo J. The ecologist movement in Brazil (1974-1986): From environmentalism to ecopolitics. *International Journal of Urban and Regional Research*, Malden, MA, v. 12, n. 2, 211-228, jun. 1988; PRICE, Marie. Ecopolitics and environmental non-governmental organizations in Latin America. *Geographical Review*, New Orleans, v. 84, n. 1, p. 42-58, jan. 1994; ONIS, Juan de, *The green cathedral: Sustainable development of Amazonia*. New York: Oxford Univ. Press, 1992; COLLINSON, Helen. *Green guerrillas: Environmental conflicts and initiatives in Latin America and the Caribbean*. London: Latin American Bureau, 1996; e EVANS, *The green republic*, op. cit.

<sup>44</sup>PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>45</sup>Ver, por exemplo, ALSTON, Lee J.; LIBECAP, Gary D.; MUELLER, Bernardo. *Titles, conflict, and land use: the development of property rights and land reform on the Brazilian Amazon Frontier (Economics, cognition, and society)*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.

<sup>46</sup>Para uma perspectiva de economia ecológica, ver GUNCKEL LÜER, Hugo. Utilización de la araucaria chilena en el siglo XVIII. *Noticiario Mensual (Museo Nacional de Historia Natural)*. Santiago de Chile, v. 25, n. 290, p. 3-7, 1980; DONOSO, Claudio; LARA, Antonio. utilización de los bosques nativos en Chile: Pasado, presente y futuro. In ARNESTO, Juan J.; VILLAGRÁN, Carolin; e ARROYO, Mary Kalin (Orgs.). *Ecología de los bosques nativos de Chile*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1995. p. 363-387.

<sup>47</sup>MILLER, Shawn W. *Fruitless trees: Portuguese conservation and Brazil's colonial timber*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2000.

<sup>48</sup>DORE, Elizabeth. La interpretación socio-ecológica de la historia minera de América Latina. *Ecología Política*, Barcelona, v. 7, p. 49-68, 1994; RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society: The impact of gold mining on the institution of slavery in Portuguese America. *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 37, n. 1, p. 59-83, mar. 1977; GOOTENBERG, Paul

Eliot. *Between silver and guano: Commercial policy and the state in postindependence Peru*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989.

<sup>49</sup>TOPIK, Steve; MARICHAL, Carlos; FRANK, Zephyr L. (Orgs.). *From silver to cocaine: Latin American commodity chains and the building of the world economy, 1500-2000*. Durham, London: Duke University Press, 2006.

<sup>50</sup>SOLURI, John. *Banana cultures: Agriculture, consumption, and environmental change in Honduras and the United States*. Austin: University of Texas Press, 2005.

<sup>51</sup>Ver por exemplo SLUYTER, Andrew. From archive to map to pastoral landscape: A spatial perspective on the livestock ecology of sixteenth-century New Spain. *Environmental History*, Durham, NC, v. 3, n. 4, p. 508-528, out. 1998.

<sup>52</sup>BROWN, Larissa V. Urban growth, economic expansion, and deforestation in late colonial Rio de Janeiro. In In STEEN, Harold K.; TUCKER, Richard P. (Orgs.). *Changing tropical forests: Historical perspectives on today's challenges in Central & South America*. Durham, NC: Forest History Society, 1992, p. 165-175; EZCURRA Exequiel. *De las chinampas a la megalopolis: El medio ambiente en la cuenca de Mexico*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1991.

<sup>53</sup>Ver por exemplo, as conexões entre cidade e região estudadas pelo geógrafo histórico Christian Brannstrom, em BRANNSTROM, Christian. Rethinking the 'Atlantic Forest' of Brazil: New evidence for land cover and land value in western São Paulo, 1900-1930. *Journal of Historical Geography*, v. 28, n. 3, p. 420-439, set. 2002; ou os estudos sobre o Rio de Janeiro pelo também geógrafo Maurício de Almeida Abreu, em ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

<sup>54</sup>Ver SLATTA, Richard W. *Gauchos and the Vanishing Frontier*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1983; e BROWDER, John O.; GODFREY, Brian J., *Rainforest cities: Urbanization, development, and globalization of the Brazilian Amazon*. New York: Columbia University Press, 1997; CRONON, William. *Nature's metropolis: Chicago and the Great West*. New York: W. W. Norton, 1991.

<sup>55</sup>Ver por exemplo, o primeiro volume da Colección Estudios Urbanos y Ambientales: LORETO LÓPEZ Rosalva. *Agua, poder y metabolismo social*. Puebla: Benemérita Autónoma de Puebla/ Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, 2009.

<sup>56</sup>SUTTER, Paul. Reflections: What can U.S. environmental historians learn from non-U.S. environmental historiography? *Environmental History*, Durham, v. 8, n. 1, p. 1-33, jan. 2003.